

MELANCOLIA E RELIGIÃO NA LITERATURA ROMÂNTICA DE CHATEAUBRIAND

Natália Pedroni Carminatti (UNESP/Araraquara)¹

Resumo: O trabalho linguístico e literário de Chateaubriand nos surpreende a cada leitura. A escrita da descontinuidade preenche as páginas de *René* (1802), construindo um tecido narrativo inesperado a cada instante, uma vez que estamos diante de uma personagem complexa do ponto de vista psicológico e, mais que isso, tal personagem é tida por muitos estudiosos como o retrato do próprio Chateaubriand. Adentramos em seu universo melancólico, marcado por tragédias existenciais e por certa inquietação fecunda que demonstrará a supremacia religiosa cristã por intermédio da figura do *père Souël*. Salientamos ser por meio do *père Souël*, haja vista que René confessa desviar-se da fé cristã, não cumprindo seus mandamentos fundamentais. Todavia, nas palavras de Chateaubriand, Deus se serve da adversidade com a intenção de exteriorizar sua divindade e em *René* essa memorável afirmação cumpre sua veracidade.

Palavras-chave: Literatura; Religião; Melancolia; François-René Auguste de Chateaubriand; *René*

*Un épisode du Génie du Christianisme, qui fit moins de bruit alors qu'Atala, a déterminé un des caractères de la littérature moderne; mais, au surplus, si René n'existait pas, je ne l'écrirais plus; s'il m'était possible de le détruire, je le détruirais. Une famille de René poètes et de René prosateurs a pullulé: on n'a plus entendu que des phrases lamentables et décousues; il n'a plus été question que des vents et d'orages, que de maux inconnus livrés aux nuages et à la nuit. Il n'y a pas de grimaud sortant du collège qui n'ait rêvé être le plus malheureux des hommes; de bambin qui à seize ans n'ait épuisé la vie, qui ne soit cru tourmenté par son génie; qui, dans l'abîme de ses pensées, ne se soit livré au vague des passions; qui n'ait frappé son front pâle et échévélé, et n'ait étonné les hommes stupéfaits d'un malheur dont il ne savait pas le nom, ni eux non plus.*²
(CHATEAUBRIAND, 2016, p.69).

É preciso chegar à *Mémoires d'outre-tombe* (1849-1850) a fim de que possamos pensar no episódio de *René*. Alguns levantamentos devem ser considerados como ponto de partida da análise interpretativa da novela: por que não escrevê-la, e mais, por que destruí-la? Além disso, como devemos compreender esta infelicidade de que falou

¹ Graduada em Letras/Francês pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Araraquara. Mestre em Estudos Literários pela mesma instituição. Atualmente, é aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (UNESP/Araraquara). Contato: napedroni@hotmail.com

² “Um episódio do *Gênio do cristianismo*, em sequência a *Atala* e menos ruidoso que esse, determinou um dos temperamentos da literatura moderna; mas, além disso, se *René* não existisse, não o teria escrito; caso me fosse possível destruí-lo, destruí-lo-ia. Uma família de René poetas e de René prosadores abundou: somente escutávamos frases lamentáveis e desconexas; eram apenas questões de ventos e tempestades, em que males desconhecidos eram entregues às nuvens e à noite. Não existia cácula saindo do colégio que não tinha sonhado em ser o mais infeliz dos homens; menino de dezesseis anos que não tinha esgotado a vida, que se acreditava atormentado por seu gênio; que, no abismo de seus pensamentos, não fosse entregue às ondas passionais; que não atingia seu rosto pálido e desganhado, e não espantava os homens impressionados de um mal cujo nome não sabia ele, nem os outros”. [Tradução nossa].

Chateaubriand, capaz de entregar os homens às ondas passionais irreparáveis? A busca em vão da causa deste tormento compõe uma história que muito promete, mas, finalmente, nada cumpre. De um passado comprometedor, de uma incessante repetição argumentativa e da desconexão frásica da personagem, construímos os princípios melancólicos que regem René.

Para Pierre Barberis (1974), René é o herói do *non-désir*. A princípio, é preciso dizer que o não será a palavra escolhida de condicionamento analítico-literário deste trabalho. Não herói e não (re)nascimento da religião cristã. Quem foi a existência errante de René? No Prólogo de *Atala* (1801), descobrimos uma sucinta descrição dessa personagem.

*En 1725, un Français nommé René, poussé par des passions et de malheurs arriva à Louisiane. Il remonta le Meschacebé jusqu'aux Natchez, et demande à être reçu guerrier de cette nation. Chactas l'ayant interrogé, et le trouvant inébranlable dans sa résolution, l'adopta pour fils, et lui donna pour épouse une Indienne appelée Céluta.*³ (CHATEAUBRIAND, 2008, p.75).

Introduzido, em sequência, do terceiro livro da segunda parte apologética do *Génie du Christianisme* (1802), René é utilizado por Chateaubriand como um exemplo do capítulo IX consagrado à “*Vague des Passions*”, cuja ideia preliminar era propor uma ilustração ao texto apologético do *Génie*. No Prefácio de 1805, para as obras *Atala* e *René*, o referido autor cita um excerto da *Défense du Génie du Christianisme*:

*Tout ce qu'un critique impartial qui veut entrer dans l'esprit de l'ouvrage, était en droit d'exiger de l'auteur, c'est que les épisodes de cet ouvrage eussent une tendance visible à faire aimer la Religion et à en démontrer l'utilité. Or, la nécessité des cloîtres pour certain malheurs de la vie, et pour ceux-là même qui sont les plus grands, la puissance d'une religion qui peut seule fermer des plaies que tous les baumes de la terre ne sauraient guérir, ne sont-elles pas invinciblement prouvées dans l'histoire de René?*⁴ (CHATEAUBRIAND, 2009, p.59).

³ “Em 1725, um francês chamado René, impulsionado por paixões e infortúnios, chegara à Louisiana. Subiu o Mississipi até os *Natchez*, solicitando ser recebido como guerreiro desta nação. Chactas tendo o interrogado, e encontrando-o firme em sua resolução, adota-o como filho, e lhe deu por esposa uma indígena chamada Céluta”. [Tradução nossa].

⁴ “Tudo que um crítico imparcial, que quer entrar no espírito da obra, tinha o direito de exigir do autor, é que os episódios desta obra tivessem uma tendência visível para amar a Religião a fim de demonstrar a sua utilidade. No entanto, a necessidade de claustros para certos infortúnios da vida, para mesmos aqueles que são os maiores, o poder de uma religião que pode sozinha cicatrizar as feridas que todos os bálsamos da terra não saberiam curar, não são elas invencivelmente comprovadas na história de René?” [Tradução nossa].

Religião: é deste tema que iriam tratar as obras *Atala* e *René*. Por isso, explicar o *Génie* com essas duas narrativas exemplares simular-se-iam entre os homens situações que transpostas à vida real certificariam o prestígio da religião cristã, mesmo quando estivéssemos encarando acontecimentos limítrofes em nossa vivência. Nesse sentido, *René* lá estava para comprovar que as feridas poderiam ser cicatrizadas recorrendo à religião. Embora a personagem René recuse encontrar a Deus no sentimento de sua existência, a elaboração do texto confirma uma visão espiritual da narrativa. Pensando nisso, é forçoso apresentamos um breve resumo deste *récit* “autobiográfico” com o propósito de situar o leitor no desfecho que será, posteriormente, aqui discutido.

A narrativa inicia-se com a chegada de René na tribo dos *Natchez*. O leitor que desconhece a obra *Les Natchez* também não sabe dos infortúnios enfrentados por ele ao longo de sua tentativa de se tornar um selvagem. O narrador não nos oferece um panorama retrospectivo da história que será contada e as demais personagens da narrativa não nos são descritas, anteriormente. Nas linhas introdutórias, já temos Chactas, René e o *père Souël*. A ânsia por conhecer a trajetória de René faz com que os dois senhores se interessem por seus segredos e pelos “sentimentos secretos de sua alma”. A natureza tranquila e silenciosa decora o cenário com intuito de acalmar as personagens e o público leitor:

*Vers l’Orient, au fond de la perspective, le soleil commençait à paraître entre les sommets brisés des Apalaches, qui se dessinaient comme des caractères d’azur, dans les hauteurs dorées du ciel; à l’occident, le Meschacébé roulait ses ondes dans un silence magnifique, et formait la bordure du tableau avec une inconcevable grandeur.*⁵ (CHATEAUBRIAND, 2008, p.393).

O leitor deste texto poderá se questionar sobre a aproximação da novela *René* em relação à *Atala*, de forma semelhante aos questionamentos hasteados por nós durante a análise minuciosa das obras ficcionais de Chateaubriand. Sim, a mesma disposição descritiva é observada nessas duas narrativas. A descrição pinta quadros naturais e temos a impressão de penetrar em uma pintura. É realmente impressionante a seleção vocabular escolhida, propositalmente, pelo ficcionista. O leste, em seguida, o oeste desenham a vila dos *Natchez* e as ondas do Mississippi formam a moldura das imagens ali presentes. Entre a natureza, estão o *sachem*, o padre e no meio deles, René,

⁵ “Em direção do Oriente, no fundo da perspectiva, o sol começava a aparecer entre as cúpulas quebradas dos Apalaches, que se desenhavam como as personagens do azul celeste nas alturas áureas do céu; no ocidente, o Mississippi rolava suas ondas em um silêncio magnífico, e formava a margem do quadro com uma grandeza inconcebível”. [Tradução nossa].

que porta a palavra e dá início a sua epopeia, narrada na primeira pessoa do discurso, firmando a ligação do mundo real ao mundo da ficção, ou melhor, da imaginação, fazendo-nos “penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente”. (CANDIDO, 1970, p.127).

Dizia René:

*Je ne puis, en commençant mon récit, me défendre d'un mouvement de honte. La paix de vos coeurs, respectables vieillards, et le calme de la nature autour de moi, me font rougir du trouble et de l'agitation de mon âme.*⁶ (CHATEAUBRIAND, 2008, p.393).

Simbioticamente, homem e natureza interligam-se e espelham-se. Já punido pela Providência, por ser um homem decaído, René principia seu discurso, apelando para suas misérias humanas e sua “falta de força e de virtude”. Atormentado, pretende persuadir seus interlocutores de que ele é digno da piedade humana e suplica a clemência daqueles que são considerados por ele, grandes sábios. Desse modo, ao longo de toda novela, a posição adotada pela protagonista é de desventurada, miserável que paga, dia após dia, por um pecado que não cometeu, ou cometeu, mesmo que inconscientemente.

Dessa forma, o *incipit* localiza as personagens temporalmente e espacialmente:

*le 21 de ce mois que les Sauvages appellent la lune des fleurs, René se rendit à la cabane de Chactas. Il donna le bras au Sachem, et le conduisit sous un sassafras, au bord du Meschacebé. Le père Souël ne tarda pas à arriver au rendez-vous.*⁷ (CHATEAUBRIAND, 2008, p.392).

O jovem europeu exilado na América concede à novela certo grau de solenidade. O interesse dos mais velhos era em saber o que o levava a uma mudança tão brusca em sua vida. É de si que René vai falar, mas quando falamos de nós mesmos, dizemos verdades ou aquilo que pretendemos que seja verdade? O narrador nos transmite que o estrangeiro sofria de uma melancolia estranha e guardava um misterioso segredo. Também nos é dito que René tinha por esposa uma jovem indígena, contudo não vivia mais com ela, abandonara-a para eternizar sua tristeza nas florestas. A descrição que

⁶ “Não posso, ao começar minha narrativa, defender-me de um movimento de vergonha. A paz de vossos corações, respeitáveis anciãos, e a calma da natureza em torno de mim, fazem-me envergonhar das perturbações e da agitação de minha alma”. [Tradução nossa].

⁷ “O dia 21 deste mês que os Selvagens chamam a lua das flores [mês de maio], René se apresentou à cabana de Chactas. Deu o braço ao *sachem*, e o conduziu sob um sassafrás, às margens do Mississipi. O padre Souël não tardou a chegar ao encontro”. [Tradução nossa].

tece de si chama a atenção do leitor, pois a imagem de infeliz o acompanhou por toda vida:

*J'ai coûté l'avie à ma mère en venant au monde, j'ai été tiré de son sein avec le fer. J'avais un frère que mon père bénit, parce qu'il voyait en lui son fils aîné. Pour moi, livré de bonne heure à des mains étrangères, je fus élevé loin du toit paternel.*⁸ (CHATEAUBRIAND, 2008, p.393).

Talvez um parêntese, aqui, faça-se pertinente antes de seguirmos nosso conciso resumo de René. Discípulo de Jean-Jacques Rousseau, Chateaubriand toma de empréstimo suas palavras e as utiliza para descrever seu nascimento. Evidentemente, há um jogo entre elas, todavia, a finalidade retórica é a mesma: mostrar-se o mais desditoso dos mortais. Vejamos Rousseau:

*Mon père, après la naissance de mon frère unique, partit pour Constantinople, où il était appelé, et devint horloger du sérail.[...]. Je fus le triste fruit de ce retour. Dix mois après, je naquis infirme et malade; je coûtai la vie à ma mère, et ma naissance fut le premier de mes malheurs.*⁹ (ROUSSEAU, 1973, p.35).

Percebe-se, claramente em Chateaubriand, as semelhanças estilísticas com o texto rousseauiano. O teor autobiográfico do escritor das *Rêveries* (1782) serve de modelo para a construção da narrativa de *René*. Ademais, o discurso de *René* metaforiza os devaneios de Rousseau em suas caminhadas solitário. Isso posto, com audácia e expressividade, o efeito perturbador do nível sintático harmoniza-se com os desregramentos emocionais estimulados, diríamos também, vivenciados em todas as esferas pela protagonista. As repentinas alternâncias da escrita clássica cumprem seu papel no todo significativo da novela.

A história avança e René testemunha àqueles que considera por pais, Chactas como pai adotivo e *père Souël*, como pai espiritual, todas as suas infelicidades. A recorrência do substantivo *malheur* é alusiva a esse estado inquieto da alma do europeu. O clímax da narrativa é alcançado no momento em que René começou a lhes contar sobre o afeto gozado por sua irmã Amélie e que aos olhos da crítica chateaubriana é a confirmação do desejo incestuoso que sentia por ela. Substancialmente, a epopeia de

⁸ “Custei à vida a minha mãe, nascendo; eu fui retirado do seu seio com ferro. Tinha um irmão que meu pai abençoara, porque enxergava nele seu filho primogênito. Para mim, entregue na hora certa às mãos estrangeiras, fui criado longe do teto paterno”. [Tradução nossa].

⁹ “Meu pai, após o nascimento do meu único irmão, partiu para Constantinopla, onde fora chamado, e tornou-se relojoeiro da elite. [...] Eu fui o triste fruto desse retorno. Após dez meses, nasci doente; custei à vida a minha mãe, e meu nascimento foi a primeira das minhas desgraças. [Tradução nossa].

René trata de suas infelicidades, sofrimentos e da vontade ardente de encontrar no Novo Mundo, a consolação para seus males, o que seria custoso, posto que o mal residia nele mesmo. Acrescenta-se a essa tragédia existencial, a iniciativa de Amélie de partir ao convento e o fim dramático da mesma.

À medida que lemos o texto chateaubriano, progressivamente, compadecemos da protagonista. A paixão fatal que o atormentava e que fez dele um infeliz, porque o amor não poderia ser consumado, já que era sua irmã e ninguém poderia saber dos sentimentos incestuosos nutridos por ela. Em verdade, o próprio René tenta se convencer de que é um amor de irmão, nada além disso. No mesmo sentido vai a piedade de Chactas por seu filho adotivo, acreditando em suas palavras e na predestinação que lhe foi designada. É o olhar delator e a disciplina rígida do *père Souël* que fará René perceber o real problema que o envolve: a sedução de um Mal, não despertado por ele, mas que já estava lá, desde a queda do homem, restando-lhe apenas continuar.

De acordo com Fabienne Bercegol (2009), independentemente do seu nome, convém assinalar que na língua francesa, o verbo nascer, *naître*, apresenta-se na forma do particípio passado como *né*. Assim, acrescido do prefixo “-re”, tem um significado de “mais uma vez”, “de novo”. Ironicamente, não há em René um renascimento, tampouco há um nascimento à fé cristã. Infelizmente, ou por escolha própria, é condenado a nunca renascer, permanecendo como prisioneiro de uma identidade passada. Além do mais, é, muitas vezes, chamado de irmão da Amélie, com o propósito de convidá-lo a voltar à consciência e renegar o caráter obsessivo dessa paixão.

O nome René desloca-se de todo o resto do texto e deve ser interpretado como um convite para renascer para si e para os outros, dado que, até agora, suas atitudes transgressivas não lhe permitiram desligar-se do fatídico destino. Consequentemente, os que estão a sua volta sofrem as sequelas de sua conduta subversiva que desajusta a ordem natural dos episódios. Ainda que tente se desviar da identidade passada, buscando na colônia dos selvagens *Natchez* a purificação de sua alma, esforçando-se em buscar uma nova identidade, uma nova personalidade e um caráter distinto, René permanece idêntico.

Ora, o que pretendemos dizer é que ele não presta a devida atenção a seu nome próprio, uma vez que não recebera outro nome na tribo indígena, manteve-se como René, ou como “*frère d’Amélie*”. Responsabilizar-se pelas próprias ações, renunciar aos sentimentos perversos e antagônicos, aceitar a sua condição miserável é tarefa árdua

para René, visto não saber lidar com as incongruências de seu coração. Em realidade, tem medo conhecer a verdade que tal nome revela. O tom confessional do discurso nada mais é que a interpretação que ele mesmo concede a sua própria vida. Assim, temos em mãos um texto sinalizador de uma problemática individual, no entanto, pela sua temática, converte-se em uma problemática mais abrangente, isto é, universal.

Referências bibliográficas

CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 123-131.

CHATEAUBRIAND, F-R de. *Essai sur les Révolutions et Génie du Christianisme*. Édition établie par M. Regard. Paris: Gallimard, coll. «Bibliothèque de la Pléiade», 1978.

_____. *René. Ouvres Complètes, XVI. Sous la direction de Béatrice Didier*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.

_____. *Atala*. In: *Ouvres complètes, XVI. Édition établie par Fabienne Bercegol*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.

_____. *Les Natchez, Atala - René*. Édition établie par Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2009.

_____. *Mémoires d'outre-tombe, Livres XIII à XXIV*. Édition établie par Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2016.

ROUSSEAU, J.J. *Les confessions I*. Paris: Gallimard, 1973. (Coll. Folio Classique).